

Os Velhos e os Novos Tempos: A Identidade em Transformação em Crônicas de Rachel de Queiroz

Doutoranda Adriana Giarola Ferraz Figueiredo¹ (UEL)

Resumo:

As comunidades atuais configuram-se dentro de uma nova perspectiva social. E é por meio da escrita contemporânea, que coloca em questão as representações dos sistemas até então ditos cristalizados, que se percebe que as relações estabelecidas alteram as identidades e acabam por reestruturar (e reconfigurar) todo o imaginário e o ideário dos homens, num plano em que conceitos, cultura e valores são colocados à prova e, constantemente, articulados.

Palavras-chave: cotidiano, crônica, velhice, transformação, transitoriedade.

Introdução

Quando as mudanças históricas se aceleram e a vida cotidiana sofre alterações, tudo que se configura nesse espaço em movimento mostra-se transitório e efêmero. O estabelecimento de uma série de rupturas, de novas associações nas relações entre os homens, e destes com o meio, gera diferentes perspectivas por parte dos envolvidos nesse processo, que se estabelece permeado de transformações e de adaptações.

Toda possibilidade de continuidade praticamente é arrancada da vida dos sujeitos. Aos velhos, então, a sensação de que o amanhã não lhes pertence se torna muito acentuada. Tudo que foi construído perde, de certa forma, a sua altivez inicial, para permitir à sociedade o ganho de novas forças diante daquilo que é inovador, impactante e transformador, mesmo que isso acarrete perdas insuperáveis a alguns envolvidos nesse processo.

De acordo com Simone de Beauvoir:

As árvores que o velho planta serão abatidas. [...] O filho não recomeçará o pai, e o pai sabe disso. Ele desaparecido, a herdade será abandonada, o estoque da loja vendido, o negócio será liquidado. As coisas que ele realizou e que fizeram o sentido de sua vida são tão ameaçadas quanto ele mesmo (apud BOSI, 1998. p.77).

Em meio à velocidade de uma sociedade altamente informatizada, deliberadamente modernizada e, no entanto, perdida na dinâmica das relações entre os indivíduos, a afinidade com os senescentes passa a ser pautada pela falta de reciprocidade. Não se discute mais com os velhos, não há mais o confronto das opiniões com as deles e nega-se aos mesmos a oportunidade de desenvolvimento daquilo que deveria ser intrínseco a todas as pessoas: a busca da alteridade, o direito à contradição, os afrontamentos pessoais e até mesmo o estabelecimento dos conflitos.

Nesse novo contexto social, em que a humanidade se encontra em movimento constante, resta aos senis o embaraço natural ante a sua condição e a busca da sustentação de um mínimo de dignidade, mesmo que diante de novas tendências e de situações por vezes impraticáveis. Perante as adversidades do dia a dia, aceitação, repulsa e perplexidade acabam se tornando as palavras de ordem, que encontram na crônica, o espaço no qual podem ser exploradas, questionadas e experimentadas.

1 “Falso Mar, Falso Mundo” (05-11-1994)

O século XX, assim como o início do século XXI, é marcado por um montante de mudanças e pela velocidade das descobertas e das inovações. Os avanços tecnológicos, juntamente com o desenvolvimento da comunicação, cada vez mais ágil e veloz, deram ao homem um novo perfil. Com o grande progresso científico e comunicativo, a população se viu diante de novas tendências, de novas situações, de novas perspectivas e, conseqüentemente, de uma nova realidade. Realidade esta, causadora de certos questionamentos e de determinadas discussões.

E, nesse contexto, encontra-se parte da obra de Rachel de Queiroz que, nos últimos anos de sua produção, presenteou seu público leitor com toda a sua visão a respeito dessas transformações. Diante de sua idade avançada, conforme ela mesma dizia, e incomodada com a condição dos velhos nesse novo e atribulado mundo, a autora consegue demonstrar toda a sua perturbação em algumas de suas crônicas, pois, conforme afirmou Davi Arrigucci Jr. (2001), o gênero em questão tem a capacidade de tratar dos mais diversos temas, preferencialmente, daqueles que levam em consideração os aspectos da vida moderna.

“O mundo anda cada vez mais complicado [...]”. Assim, Rachel inicia a crônica “Falso mar, falso mundo”, inserida no livro de mesmo nome, lançado no ano de 2002. Último livro da autora, essa obra apresenta a reunião de oitenta e nove crônicas, produzidas entre o período de 1983 até 2000, carregadas das impressões de uma mulher perplexa diante de tantas transformações, diante do progresso e das degradações sofridas pelo mundo e pela sociedade ao longo do século XX. Atenta observadora da realidade que a cerca, nada lhe passa despercebido e, com sinceridade, retrata, nessa coletânea de crônicas, sua visão sobre o cotidiano e sobre o atordoamento em que se encontra o homem, especialmente o velho, personagem que vive totalmente à mercê das transformações do mundo.

Para apresentar todo o seu espanto frente a esse novo mundo e a situação dos idosos nesse contexto, Raquel utiliza-se da crônica, gênero literário, segundo Eduardo Portella, totalmente matizado, “a ponto de se ter ajustado à trama existencial complexa da sociedade de massa. Porque a crônica hoje se enriqueceu desta nova função: é elemento de contato entre a ânsia quantitativa da massa e a necessidade de evitar-se o desnível qualitativo da informação” (1986, p.27). Sendo o cronista o prosador do cotidiano, seu texto é motivado pelos próprios acontecimentos diários e acaba por invadir o dia a dia do leitor, ainda mais na situação em que se encontra o sujeito, desprovido de qualquer couraça e perdido no tumulto da vida contemporânea.

Segundo a escritora, a primeira complicação enfrentada pelos senis na contemporaneidade é a massificação da vida cotidiana. Vive-se, hoje, em um mundo em que as pessoas deixam de ter uma identidade sólida e passam a ter uma identidade confusa e distorcida. Os indivíduos parecem ser os resultados de um único processo, em que a massificação acaba apagando as características que tornariam cada sujeito um ser autêntico e singular. E, para o senescente, indivíduo desprovido de certas defesas, isso acontece de forma mais rápida e aparente. No texto em questão, Raquel de Queiroz inicia suas colocações relatando uma experiência própria vivida nesse novo cotidiano:

Há uns vinte anos, Oyama e eu nos hospedamos num hotel americano que tinha vinte e cinco andares; o nosso quarto ficava no segundo andar, e cada andar era cópia fiel do outro, superpostos corredor sobre corredor, quarto sobre quarto. E, de noite, eu não conseguia dormir, pensando que, por cima de nós, empilhados em montes, estavam vinte e três quartos iguais, e as camas iguais, uma sobre a outra. E em cada cama um casal dormindo, roncando, brigando. [...] cada casal na sua alcova, como aqueles montes de caixas de ovos nas prateleiras dos supermercados (QUEIROZ, 2002, p.47).

Essa vivência da cronista vem confirmar a posição de Stuart Hall diante da composição do sujeito dito pós-moderno que, conforme o autor, “tendo uma identidade fixa e estável, foi descentrado, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas [...]” (1999, p.46), mas que vive em um mundo que o trata como igual, que não quer ter trabalho em adequar as circunstâncias as suas pretensões e parece não perceber (ou não aceitar) que cada um é diferente e, como tal, deve ser tratado. E a escritora deixa sua posição bastante clara em relação ao assunto quando compara os indivíduos a “montes de caixas de ovos nas prateleiras”: todos são semelhantes, agora, mas desiguais diante dessa situação, pois não há mais uma identidade própria, legítima e singular.

Quando diante de um prédio com apartamentos totalmente idênticos, a autora se sente angustiada por pensar que muitas outras pessoas estariam vivendo as mesmas situações que ela naquele exato momento. É como se a particularidade de cada um fosse invadida por uma nova tensão, uma mesmice que desfigura e confunde os indivíduos. Aos velhos, por já terem perdido muitas das suas características e funções, sobra apenas a confusão total ante o tumulto dessa massificação desenfreada.

A cronista segue falando de uma viagem de avião, coisa que a autora detesta fazer, mas a qual se rende para usufruir dos avanços e das tecnologias. O medo do voo não a impede de seguir em tal investida, afinal, hoje em dia, entre os meios de transporte, os aviões são os mais rápidos, velozes e modernos em que se pode pensar, configurando-se, assim, algumas das características das inovadas sociedades. Como fugir disso então?! E, no meio de todo o medo, um garoto de apenas doze anos, com explicações científicas e tecnológicas a respeito do assunto, tenta acalmar a inquieta senhora e o restante dos passageiros:

Um menino que estudava ciências me explicou que o vôo dos aviões a jato era comandado pelas leis da balística: o motor funciona como uma pistola automática que constantemente estivesse disparando. O vôo é mantido pela explosão contínua do jato, como a bala é impulsionada pela explosão da pólvora. O avião não pode cair enquanto o jato estiver mandando o seu impulso. (Estaria o menino certo? Tinha só doze anos!) Mas, de qualquer forma, me senti segura e tranqüilizei os medrosos [...] (QUEIROZ, 2002, p.48).

E aqui, frente a mais uma experiência da extasiada cronista, percebe-se, assim como Fredric Jameson, que mais um elemento constitutivo do pós-modernismo se faz presente na escrita e nas experiências de Raquel de Queiroz: as relações com as tecnologias, tanto por parte da narradora, que fala dos seus anseios diante de tantas inovações, quanto do pequeno menino que, no alto dos seus doze anos, domina tamanho conhecimento. O que atormenta o eu do cronista, nesse momento, não é apenas o seu medo de voar, mas, estar à mercê de uma tecnologia que, construída por homens em constantes transformações e questionamentos, pode não ser tão segura assim, como se quer pregar.

Entretanto, o que mais scandaliza a escritora em “Falso mar, falso mundo”, vem logo a seguir, por meio da tevê, um meio de comunicação de massa que tem a função de informar e de colocar o ser humano cara a cara com os constantes movimentos do mundo e da sociedade, e que, muitas vezes, acompanha o ser de terceira idade como sua única forma de entretenimento. Mas que, na atualidade, tem chocado os seus espectadores com os caminhos que tem tomado. É a televisão que apresenta, como forma de refúgio, um mundo marcado pela violência, pelas transformações, pela perda de sentido, pelos apagamentos das referências, um permanente simulacro. Esse aparelho funciona como um importante veículo da modernidade às massas. E, de acordo com Luiz Beltrão e Newton Quirino, os meios de comunicação envolvem a sociedade dentro de uma realidade substituta, que quer transmitir aos seus telespectadores a realidade arquitetada por seus idealizadores:

[...] os novos meios trouxeram para dentro de nossos lares uma ‘realidade’ exterior, um ‘mundo’ fabricado industrialmente, padronizado, que liquidou ou ameaça extinguir aquela construção gradual e privada do homem das anteriores centúrias. [...] A *minha* realidade foi substituída pela *realidade*, ou melhor ainda, pela realidade *deles*, os controladores dos meios de comunicação de massa (1986, p.119).

Perante essa realidade, Raquel de Queiroz mostra-se estarelecida quando se depara com uma reportagem exibida pelo Fantástico, influente programa televisivo da Rede Globo de Televisão, que funciona como uma revista eletrônica semanal, levando ao público informações sobre o Brasil e sobre o mundo, intitulada *Mar Artificial*. E, mesmo considerando a situação, o lugar, o preço e o objetivo de tal empreitada algo além do normal, a narradora afirma que muitas pessoas aderem ao apelo desse novo (e manipulado) mundo criado pelos japoneses: crianças, jovens, adultos e velhos, todos se rendem aos apelos da cotidianidade:

Mas nesta semana vi na TV uma reportagem que me horrorizou como prova de que, a cada dia, mais renunciamos às nossas prerrogativas de seres vivos e nos tornamos robotizados. Foi a ‘Praia Artificial’ no Japão (logo no Japão, arquipélago penetrado e cercado de mar por todos os lados!). É um galpão imenso, maior do que qualquer aeroporto, coberto por uma espécie de cúpula oblonga, de plástico. [...] Pois que debaixo daquele imenso teto de plástico está um mar, com a sua praia. Mar que, na tela, aparece bem azul com ondas de verdade, coroadas de espuma branca; ondas que chegam a derrubar as pessoas e sobre as quais jovens atletas surfam e rebolam. E um falso sol, de luz e calor graduáveis; e a praia é de areia composta por pedrinhas de mármore, a cujo contato algumas moças de biquíni se queixavam de que doía um pouco. ‘Mas valia a pena’ (QUEIROZ, 2002, p.48-49).

A posição da cronista é de espanto diante de tal situação: justo no Japão, local onde o mar está presente em todos os lugares, uma praia falsa, uma simulação de sol e de bronzeamento. Pessoas mostram-se condescendentes com um falso mar na terra das águas. E a autora questiona a diferença entre o falso e o verdadeiro: por que a praia artificial se há, naquele lugar, o mar de verdade? E ainda, por que o velho, aquele que já enfrentou tantas situações, deixa-se levar por essas ludibriações contemporâneas, quando pode aceitar que o seu fim está próximo e que já viveu e viu o suficiente por uma vida toda?

O que parece haver aqui é o que afirma Baudrillard em *A precessão dos simulacros* (1991, p.16): um “mundo inteiramente recenseado, analisado, depois *ressuscitado artificialmente* sob as espécies do real, num mundo da simulação, da alucinação da verdade, da chantagem com o real [...]”. É como se houvesse a necessidade de se preservar o original e expor a réplica. Mas, por quê? E aqui entra a preocupação maior do eu do cronista:

A única presença viva, destacando-se no elenco de bonecos, era a nossa querida, e intrépida repórter Glória Maria, apresentadora do espetáculo ‘Mar artificial’. Já se viu? Se fosse uma honesta piscina de água morna, tudo bem. Mas fingir as ondas, falsificar um sol bronzeando, de trinta e cinco graus, e toda aquela gente se deitando com a simulação e depois voltando para a rua vestida nos seus casacos! Me deu pena, horror, sei lá (QUEIROZ, 2002, p.49).

Para ela, todos pareciam bonecos ou robôs em meio a uma situação criada, uma imitação de algo real. Dessa forma, é fácil perceber a preocupação da escritora de que, nessa era da simulação, os referenciais sejam perdidos e, conforme Jameson, que a lógica do simulacro, o disfarce, acabe se tornando uma espécie de realidade paralela que reforce toda a inconstância do sujeito pós-moderno. Seria essa situação uma forma de colocar a população do Japão dentro de um mundo criado para esconder que o próprio Japão já é algo que não está mais no domínio do real? De acordo com Baudrillard, “já não se trata de uma representação falsa da realidade (a ideologia), trata-se de esconder que o real já não é o real e, portanto, de salvaguardar o princípio da realidade”

(1991, p.21). E, ao idoso, sujeito perdido em suas frustrações, suas perdas e suas restrições, cabe a interação com essa simulação para ofuscar uma hipocrisia ainda maior, a de sentir-se ainda vivo e atuante nas ações cotidianas.

Independente das respostas a essas questões, a posição da autora frente a esse e a todos os outros acontecimentos expostos na crônica “Falso mar, falso mundo” é a de perplexidade: perplexidade diante de uma massificação desenfreada e sem escrúpulos, atendendo apenas aos objetivos daqueles que se propõem a dominar e a comandar a nova sociedade; perplexidade frente a tantos avanços e a tantas revoluções tecnológicas que estão aparecendo e entrando na vida dos indivíduos sem pedir licença; e, principalmente, diante de uma simulação (segundo a autora, desnecessária) que está confirmando a situação do novo sujeito: aquele que vive em constantes conflitos, que quase nunca consegue resolver os seus próprios problemas e que não tem mais uma identidade definida, vive em um mundo desorientado e reformulado buscando a identidade adequada para cada acontecimento e/ou para cada situação: “Aquilo não pode deixar de ser pecado. Falsificar com tanta imprudência as criações da natureza e pra quê?” (QUEIROZ, 2002, p.49). Por que expor quem já passou por tantas circunstâncias a mais uma irrealdade, a mais uma tentativa de substituição para as muitas perdas diárias?

Dessa forma, Rachel nos apresenta, por meio de suas experiências e de sua escrita, a confirmação da existência de um sujeito cuja identidade fragmentada remete a literatura brasileira contemporânea a uma nova perspectiva. E a crônica, conforme Davi Arrigucci Jr., torna-se o veículo ideal para a exposição de fatos como os aqui abordados pela autora. É relevante que tais assuntos sejam abordados nesse gênero literário, porque

[...] a crônica é ela própria um fato moderno, submetendo-se aos choques da novidade, ao consumo imediato, às inquietações de um desejo sempre insatisfeito, à rápida transformação e à fugacidade da vida moderna, tal como esta se reproduz nas grandes metrópoles do capitalismo industrial e em seus espaços periféricos. [...] ela parece penetrar agudamente na substância íntima de seu tempo e esquivar-se da corrosão dos anos, como se nela se pudesse sempre renovar, aos olhos de um leitor atual, um teor de verdade íntima, humana e histórica, impresso na massa passageira dos fatos [...] (ARRIGUCCI, 2001, p.53).

Atenta às situações que surgem, talvez, como respostas alternativas da modernidade ou, ainda, para reforçar a posição de que essa nova literatura permite a coexistência de traços diferentes e marcantes, a autora deixa transparecer a sua indignação e o seu receio de que, em meio a tantas transformações, os indivíduos deixem de ser seres animados e passem a ser considerados meros bonecos, comandados por um novo ponto de vista alterado e distorcido. E, ainda, deixem de ser sujeitos ativos para aceitar, com passividade, as novas imposições sociais, especialmente os idosos, aqueles de quem a sociedade rouba possíveis condições e insiste em deixar à marginalidade, totalmente aturdidos e desorientados diante dos novos tempos.

2 “De Armas na Mão pela Liberdade” (18-11-1995)

Na crônica “De armas na mão pela liberdade”, texto também encontrado no livro *Falso mar, falso mundo*, Rachel de Queiroz coloca seu público leitor frente a frente com uma personagem representada por uma senhora de noventa anos totalmente desestabilizada perante as atrocidades dos novos tempos: uma idosa à beira de uma loucura em função da situação em que se encontra nesse momento de sua vida.

A autora, incansável defensora da ideia de que a velhice não constitui algo bom e, muito menos, apropriado a qualquer pessoa, dá amostras de sua ranzinze, de seu descontentamento em relação a essa situação, e inicia o seu texto mostrando, mais uma vez, a sua

perplexidade diante de um fato verídico: “Não estou inventando: saiu no jornal: ‘Em Porto Alegre, senhora de 90 anos (90, sim) arma-se com dois (dois!) revólveres e abre caminho para a rua, garantindo o seu direito de ir e vir’” (QUEIROZ, 2002, p.115). De armas em punho, a protagonista da história em questão decide reivindicar um direito que deveria ser respeitado. No entanto, por se sentir lesada, resolve agir com as armas que possui.

Frente a esse melindre social da atualidade, o de, em algumas situações, não se permitir aos velhos a liberdade de transitar pelos ambientes sem a companhia de alguém que os esteja vigiando, a senhora apresentada por Rachel se mostra consciente e preparada, mesmo que de forma inadequada, a fazer valer os seus direitos: “os revólveres, no caso, eram dois trinta-e-oito. Ou, como se diz na gíria, dois trezoitãos. E tinham bala dentro, e a idosa dona, pelo jeito com que os empunhava, mostrava que sabia atirar” (QUEIROZ, 2002, p.115).

Trata-se de uma anciã que vive no porão de uma casa de idosos. Por receber apenas uma pensão de dois salários mínimos, não consegue pagar a mensalidade de um outro quarto, portanto, tem de se adaptar a essa condição imposta pelo meio em que vive, sujeitando-se a coabitar um espaço escuro e sem janelas, a um preço módico, único valor que a intrépida senhora tem condições de quitar. Não possuindo outra fonte de renda, a aceitação das adversidades torna-se praticamente inevitável: “Uma das características marcantes da população idosa no Brasil é o baixo poder aquisitivo. Aposentadorias e pensões constituem sua principal fonte de rendimentos” (CHAIMOWICZ, 1998, p.65). Desse modo, à incansável protagonista, resta, apenas, amoldar-se às intempéries cotidianas a que é submetida constantemente por parte daqueles que a rodeiam.

No entanto, adaptar-se não significa, necessariamente, concordar com as imposições que lhe são conferidas. Se nos dias atuais, a sociedade, hipócrita por conveniência, insiste em não permitir aos seus velhos a liberdade de transitar livremente, sem a tutela de outros, por onde quer que seja, não resta ao senescente outra saída se não a de lutar por esse direito. De todos os fenômenos contemporâneos, o menos contestável diz respeito ao envelhecimento da população. Todavia, parece ser difícil admitir que tal fato aconteça para todos. Daí a prepotência por parte de determinadas pessoas em insistir em tirar dos senis a simples possibilidade de ir e de vir em um ambiente antes por eles reconhecido, vivenciado e modificado.

Segundo Simone de Beauvoir, quanto mais opulenta é uma sociedade, mais ela recusa aos seus velhos deleitar-se com a abundância dos frutos que os mesmos ajudaram a plantar. Durante a colheita, apenas uma sobrevivência bruta lhes é concedida. Na grande maioria das vezes, quando destinado a viver em pensões ou asilos, o idoso é

[...] vítima das pressões às quais é submetido. O regulamento é muito rigoroso, as rotinas rígidas [...] Separado de seu passado, de seu ambiente, muitas vezes vestido com um uniforme, o velho perdeu toda a sua personalidade, não passa de um número. Em geral, as visitas são autorizadas todos os dias, e a família vem vê-lo de tempos em tempos: isso ocorre raramente, e, em certos casos, nunca há visitas. [...] (BEAUVOIR, 1990, p.317-318).

No caso da protagonista da crônica “De armas na mão pela liberdade”, é exatamente isso que acontece, apesar de viver em um ambiente totalmente precário, extremamente quente no verão, e demasiadamente frio no inverno, a diretoria do lugar não lhe permite sair. A ela são negadas as mínimas condições de interação e de socialização. E tal ocorrência pode ser confirmada na voz da extasiada Rachel que, prontamente, sente-se tão injustiçada quanto a corajosa senhora de noventa anos e acaba deixando transparecer toda a sua indignação diante do sucedido e das consequências de se chegar a essa fase da vida e de esbarrar nas restrições impostas:

[...] a direção a proibia de sair, receando que, assim idosa, ela se perdesse na rua, sofresse algum acidente ou assalto. Na mentalidade da maioria das pessoas, velho é pra viver preso, na casa, no quarto; o ideal é uma cadeira de rodas, mas nem

sempre a conseguem. E o infeliz do idoso quase nunca pode se defender da solicitude dos mais moços, filhos, parentes, guardiões; ‘Não coma esse doce, olha o diabetes!’ (como se o doce fosse arsênico). ‘Cuidado, não vá tropeçar!’ ‘Calma, segure bem no corrimão!’ ‘Olha o buraco na calçada, veja onde está pisando’ (QUEIROZ, 2002, p.116).

Uma vez incorporadas as transgressões, o eu do cronista deixa transparecer toda a sua indignação frente às imposições desencadeadas no dia a dia da nobre senhora. É como se estivesse presenciando aquilo que poderia ser parte de sua própria vivência. Desencadeada a memória e a percepção do presente, as experiências corriqueiras do passado chocam-se com as impossibilidades estabelecidas pelos novos tempos, abrindo espaço a um saudosismo e, igualmente, a certa revolta diante da obscuridade que permeia os dias do ser de terceira idade: “Imagine o grau de indignação, de constrangimento, de ‘cólera que espuma’, como dizia o soneto, que sufocava o coração da nossa heroína. A vontade louca de ver o céu, luz, rua, pessoas desconhecidas, e não as caras severas dos seus guardiões” (QUEIROZ, 2002, p.116).

Como mais uma característica do mundo moderno e parte das particularidades da contemporaneidade, surge, também, na crônica estudada, a questão da solidão, sentimento inerente aos indivíduos, especialmente aos de idade mais avançada, geralmente reforçado pela sociedade. Quando o ancião tem um companheiro para dividir os últimos momentos de sua vida, todas as improbidades dessa fase são superadas de uma maneira menos agressiva. De diferente modo, se a velhice é vivida sem a possibilidade do compartilhamento das últimas sensações e dos últimos instantes, mais difícil ainda se torna encarar a sucessão de acontecimentos que norteiam essa etapa.

Se por um lado a ambiguidade das relações entre os velhos não lhes proporciona experiências agradáveis, visto que permite que os mesmos enxerguem no companheiro um espelho, no qual é possível perceber os sinais da senilidade, por outro, os mesmos “têm prazer em estar juntos, na medida em que têm lembranças e uma mentalidade comum” (BEAUVOIR, 1990, p.578). Assim sendo, a solidão, em função da não presença de um consorte para dividir as felicidades e os devaneios derradeiros, provoca sensações marcantes de tristeza e de abandono, desestabilizando mais ainda o já conturbado mundo senil.

De acordo com Flávio Chaimowickz (1998), na sociedade moderna, a presença do cônjuge é muito importante para a segurança e a estabilidade financeira, afetiva e emocional dos idosos, e são as mulheres velhas que mais sofrem se não têm essa opção:

No jornal de Porto Alegre diz-se que ela é solteira, ou ‘inupta’ (a que não convolou núpcias), segundo a fórmula legal. Fadada a viver sozinha, na sua solidão, sem nem ter a companhia de outros velhos, de um companheiro ao seu lado, que lhe fizesse massagens contra reumatismo, com quem dividisse a surdez, as deficiências visuais; ou viúva que fosse, tivesse do companheiro as perenes lembranças de uma vida comum, até mesmo lembranças de amor (QUEIROZ, 2002, p.116).

No caso da audaciosa senhora de noventa anos, essa é mais uma de suas realidades. Não ter contraído núpcias torna-a mais solitária ainda frente ao isolamento já imposto pelo meio em que vive, em função da sua idade. A velhice em si já se configura um momento de perdas e de separações. Para a protagonista, isso se torna mais acirrado, pois, além de lutar contra o medo do silêncio, da escuridão, dos barulhos e das luzes que a cercam no porão em que vive (situações que se confundem e que confundem os idosos), sendo velada por guardiões praticamente alheios e indiferentes ao que corresponde a sua realidade, cabe, também, a desilusão por se encontrar totalmente só, sem nem mesmo a presença de um parceiro.

Certamente a protagonista vive oprimida, quando não, aturdida, pela sensação de isolamento e de vácuo na alma. Os amores profundos, aqueles que geralmente ficam no passado e são evocados quando a necessidade exige, nem isso lhe é possível. No caso em questão, a única

possibilidade de invocação desse sentimento aparece de passagem, numa prosa quase gélida, para confirmar que a personagem não os possui e nem os possuiu. Já no tempo presente, resta-lhe apenas o sentido efêmero de todas as paixões e de todos os vínculos que lhe pudessem ter sido atribuídos algum dia.

Quando não há mais possibilidade de se encontrar e de usufruir na senescência a exterioridade, ou seja, os benefícios do corpo, o que se busca na interioridade torna-se frustrante. Se o que se encontra de mais forte acaba sendo a solidão, sentimento, no caso da personagem de Rachel de Queiroz na crônica em estudo, que parece ser o que assola de forma mais exasperada o cotidiano da pobre anciã, as respostas aos anseios e às necessidades podem não ser muito adequadas nem tão equilibradas:

O sentimento de solidão ocorre em um outro momento: quando se procura companhia e não se acha; quando as palavras necessitam de um ouvido para se tornarem comunicação, e permanecem ruminação; quando a dor, a saudade, a mágoa tornam-se muito pesadas por falta de um ombro amigo onde derramar lágrimas; quando o alegre e o pitoresco são percebidos ou lembrados, mas não se atualizam em um rir junto; quando já não se conta inteiramente com alguém e em ninguém se consegue confiar. Na velhice, a solidão pesa. Não é apenas um sentimento, é um estado, uma maneira de ser – a solitária maneira de ‘ser-velho’ em nossa sociedade (BARRETO, 1992, p.30).

Claramente, a viuvez, a falta de um companheiro ou de uma companheira e a ausência de um parceiro amoroso tornam a solidão dos velhos ainda mais profunda. E, no caso da senhora do texto, a única saída para se livrar da solidão do porão foi enfrentar os seus opositores e os caprichos da vida moderna usando o único recurso de que dispunha: as armas deixadas por seu falecido pai.

A autora, em “De armas na mão pela liberdade”, faz uso da ironia quando fala das atuais campanhas de caridade em prol da terceira idade. A cotidianidade exige de seus figurantes algumas adaptações a convenções que se configuram imprescindíveis para o desenvolvimento da sociedade. Certos modismos tornam-se necessários para que a inclusão dos indivíduos seja considerada pertinente. Com os idosos isso não é diferente. Para se criar uma imagem de possível aceitação e de interação, algumas situações são criadas para que se tenha a impressão de que, na modernidade, ainda há lugar para os senis:

[...] eles brincam carinhosamente com a idéia de dois velhos dançando (na televisão, os velhotes dançarinos sempre ensaiam um tango argentino e são vestidos à moda de 1925, ela já de saia meio curta de melindrosa e ele de colete e polainas!) Botam os velhos para estudar vestibular, ou para fazer ioga, para treinar pintura a óleo (flores e paisagens rústicas), a cantar em coros etc. etc. (BEAUVOIR, 2002, p.116-117).

No entanto, a escritora rebate essas proposições, alegando que nada disso permite que o sujeito idoso se sinta inserido no contexto ou participante ativo da nova realidade social, pois o que ele realmente quer é ter o direito de resolver por si mesmo o que deseja ou não fazer. Tomar as próprias decisões é o que realmente conta para que a senilidade seja encarada de uma maneira menos dolorosa:

Ninguém parece entender que a primeira condição para o velho não se sentir tão velho é deixá-lo sentir-se livre. Resolver seus problemas pessoais; ser ele próprio quem conte os seus sintomas ao médico, ser ele próprio quem decide se toma ou não os remédios prescritos – como faz todo mundo. Deixar que ele se liberte um instante ao menos da tutela dos ‘entes queridos’ e não lhe ralhar se ele, liberado der uma topada, um tropicão, no exercício dessa liberdade. Deixá-lo que durma só, que não lhe apareça ninguém no quarto à meia-noite, perguntando se ele está insone

(está muito feliz, lendo), se esqueceu de tomar o Lexotan... (QUEIROZ, 2002, p.117).

Na ânsia de expor sua opinião e seus sentimentos em relação à situação da destemida senhora, a autora usa a sua autoridade de cronista e os seus próprios sentimentos para falar sobre os anseios das pessoas velhas que participam dessa nova realidade imposta pela cotidianidade. Dessa forma, de acordo com Walter Benjamin (1975), em sua posição de narradora, Rachel acaba enriquecendo a sua própria verdade com aquilo que vem a saber por meio dos acontecimentos diários. Ao narrar o ocorrido com a senhora de Porto Alegre, acaba incorporando o episódio a sua própria vida. E, se a autora se encontra nessa situação, faz questão de compartilhá-la com os seus leitores, porque sua vida acaba sendo consumida inteiramente em sua narração.

Quando “nada mais lhes interessa, nada mais os solicita, não têm mais projetos; o mundo lhes parece um cenário de papelão, e eles mesmos parecem mortos-vivos” (BEAUVOIR, 1990, p.564), decisões extremas parecem ser a única saída. E, quando a vigilância não mais é praticada pelos seus e passa a ser realizada por estranhos, que se sentem no direito de decidir por quem já viveu uma vida inteira, situações extremadas parecem ser mesmo a derradeira forma de se tentar reverter algumas circunstâncias inaceitáveis na velhice.

E Rachel encerra a crônica “De armas na mão pela liberdade” manifestando abertamente a sua posição perante as imposições do mundo dito moderno quando em face das conveniências delegadas aos indivíduos de terceira idade: “Ah, como a gente entende a velha pistoleira do Rio Grande do Sul!” (QUEIROZ, 2002, p.117). E segue ironicamente demonstrando que a cotidianidade pode ser cruel quando assim deseja, mesmo que isso remonte a uma simples questão, como o fato de se ter um antigo baú em casa. Segundo a autora, por mais comum que possa parecer um ato, ser velho em uma sociedade totalmente nova nunca será algo fácil e nem tampouco tranquilo: “E agora, então, as coisas devem ter piorado. Já que a nossa nonagenária pistoleira e fujona confessou que guardava as armas num velho baú. Cuidado, velhos e velhas, meus colegas: vocês vão ver que, de hoje em diante, ninguém mais vai nos deixar possuir um baú!” (QUEIROZ, 2002, p.117).

Conclusão

Se o cotidiano se inventa de mil maneiras, também o homem deve preparar-se para enfrentar as mil faces do dia a dia. Diante das práticas diárias, as reações podem ser as mais diversas possíveis. É por meio das realizações corriqueiras que as personagens são construídas e desvendadas em cada contexto em que estão inseridas. Quer seja de forma ativa ou de forma passiva, há sempre uma ação e uma reação diante das ocorrências, pois os novos tempos nem sempre acolhem de forma satisfatória e aprazível aqueles que se encontram submersos na cotidianidade, a saber, a humanidade em constante movimento.

Para representar esse desenvolvimento das práticas diárias, a utilização do gênero crônica torna-se relevante, visto que o cronista tem a possibilidade de, a respeito da matéria do cotidiano, interpretá-la para si mesmo e, respectivamente, para os seus leitores, possibilitando, assim, uma leitura do real. Dessa forma, Rachel de Queiroz conseguiu imprimir nos textos em estudo um comentário subjetivo a respeito dos fatos abordados por ela e, também, repassar ao público leitor a sua impressão a respeito dos fatos: ela, uma velha escritora, ainda se choca com as adversidades enfrentadas pelos indivíduos, especialmente, os idosos.

Dar sentido ao mundo e ao lugar dos homens, no caso, dos velhos, nesse mundo, é uma prática social estimulada, principalmente, nas relações que compõem o nosso cotidiano. Assim, quando diante de uma sociedade atribulada e perpassada por inúmeras, contraditórias e incansáveis inovações e indeterminações, percebe-se a fragilidade do idoso nesse inevitável processo, uma vez

que, de acordo com Berger e Luckmann (2001, p.38), “a realidade da vida cotidiana aparece já objetivada, isto é, construída por uma ordem de objetos que foram designados por objetos antes de minha entrada em cena [da entrada de cada indivíduo em cena]”. Dessa forma, aos velhos, cabe apenas a sobrevivência e a tentativa de uma adaptação a essa realidade, que reconfigurada, torna-se a pura representação da história, da cultura e de identidades em transformação, que se instituem nas narrativas da era da incerteza e da transitoriedade.

Referências Bibliográficas

- [1] ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: _____. *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.51-66.
- [2] BARRETO, Maria Leticia. *Admirável mundo velho: velhice, fantasia e realidade social*. São Paulo: Ática, 1992.
- [3] BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Trad. Maria João da C. Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
- [4] BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Trad. Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- [5] BELTRÃO, Luiz.; QUIRINO, Newton de Oliveira. *Subsídios para uma teoria da comunicação de massa*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1986. v.13
- [6] BENJAMIN, Walter. O narrador: observações acerca da obra de Nicolau Lescov. In: _____. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1975. p. 63-81.
- [7] BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 3. ed. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1976.
- [8] BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- [9] CHAIMOWICZ, Flávio. *Os idosos brasileiros no século XXI: demografia, saúde e sociedade*. Belo Horizonte: Editora Postgraduate, 1998.
- [10] HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3. ed. Trad. Thomaz Tadeu da Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- [11] JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Trad. Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 1996.
- [12] PORTELLA, Eduardo. Visão prospectiva da literatura no Brasil. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.) & COUTINHO, Eduardo (Co-dir.). *A literatura no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. p. 266-275. v.6.
- [13] QUEIROZ, Rachel de. *Falso mar, falso mundo*. São Paulo: Editora Arx, 2002.

¹ Autora

Adriana Giarola Ferraz FIGUEIREDO, Doutoranda
Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas
dricagff@bol.com.br